



A MINISTERIALIDADE DAS MULHERES NA IGREJA CATÓLICA À LUZ DA FIGURA DE MARTA DE BETÂNIA

Women's Ministry in Catholic Church in the light of the icon of Martha of Bethany

Priscila Cirino Teixeira¹

Resumo: O controverso debate sobre a possibilidade de ordenação de mulheres na Igreja Católica reacendeu-se recentemente a partir de algumas afirmações do Papa Francisco. Nos últimos meses, o Pontífice vem defendendo um princípio dual – para não dizer dualista – para justificar o não-acesso das mulheres ao ministério ordenado. O chamado princípio petrino-mariano, fundamentado na antropologia da complementaridade, apresenta-se como uma nova roupagem do patriarcado institucional para perpetuar a dissimetria entre mulheres e homens na Igreja Católica. Nesta comunicação, contrapondo-nos a essa perspectiva, buscamos em Marta de Betânia, elementos para uma teologia ministerial fundada no “discipulado de iguais”. Seguindo o método de hermenêutica crítica feminista da libertação de Elizabeth Schüssler Fiorenza, analisamos as perícopes do Novo Testamento nas quais Marta está presente (Lc 10,38-42; Jo 11,1-44; Jo 12,1-8) e vemos emergir a figura dessa mulher bíblica como paradigma de ministerialidade cristã. A partir dessa análise, oferecemos pistas para pensar o lugar das mulheres na Igreja Católica a partir de parâmetros distintos aos adotados pelo Papa Francisco, sugerindo a necessidade de repensar a teologia ministerial a fim de ampliar as possibilidades de participação das mulheres e reestruturar as dinâmicas de liderança eclesial.

Palavras-chave: Ministerialidade. Hermenêutica bíblica feminista. Ordenação.

Abstract: The controversial debate about the possibility of women's ordination in Catholic Church has been recently rekindled after some statements of Pope Francis. In the last months, the Pontiff has defended a dual principle, not to say a dualistic one, to justify the non-access of women to ordain ministry. The Petrine-Marian principle, grounded in the complementarity anthropology, presents itself with a new disguise of the institutional patriarchy to perpetuate the dissymmetry between women and men in the Catholic Church. In this communication, opposing this perspective, we seek in Martha of Bethany elements of a ministerial theology grounded in the “discipleship of equals”. Following Elizabeth Schüssler Fiorenza's method of critical feminist hermeneutics of liberation we analyze the pericopes of the New Testament in which Martha is present (Lk 10: 38-42; Jo 11:1-44; Jo12:1-8) and we see emerging the character of this biblical woman as a paradigm of Christian ministeriality. Based on this analysis, we offer hints to think the place of women in the Catholic Church from parameters different from those adopted by Pope Francis. Thus, we suggest the need to rethink the

¹ Mestra e Doutoranda em Teologia Sistemática na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Bolsista da CAPES. E-mail: priscilafmvd@yahoo.com.br



ministerial theology in order to expand the possibilities of participation of women and to restructure the dynamics of ecclesial leadership.

Keywords: Ministeriality. Feminist biblical interpretation. Ordination.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As discussões acerca da ordenação das mulheres na Igreja Católica é um tema discutido em diversos âmbitos. O debate alimenta-se de argumentos teológicos, históricos, doutrinários e/ou ideológicos de mais ou menos peso e relevância, com menor ou maior incidência e repercussão. Nos últimos meses, o assunto voltou a ser foco de atenção em virtude de algumas afirmações do Papa Francisco, nas quais ele tem recorrido a um princípio dual – denominado petrino-mariano – para justificar o não-acesso das mulheres ao ministério ordenado. Sabemos que essa explicitação do Pontífice, feita geralmente em entrevistas, não tem caráter de afirmação dogmática. No entanto, parece-nos relevante dar-lhes alguma atenção, uma vez que, em outras circunstâncias, formulações do Papa, feitas originalmente em ocasiões nem sempre formais, chegaram, mais tarde, a estar em documentos magisteriais.

Assim sendo, nesta comunicação, contrapondo-nos à proposta de Francisco, pretendemos oferecer outras vias de compreensão a respeito do tema em questão, situando-o em um horizonte mais amplo – o da ministerialidade na Igreja Católica – e visando propiciar uma perspectiva mais abrangente a respeito do lugar – melhor seria dizer “dos lugares” – das mulheres nas comunidades cristãs.

Para isso, tomaremos a Marta de Betânia como figura² paradigmática a partir da qual pensar elementos para uma teologia ministerial fundada no “discipulado de iguais”. Seguindo o método de hermenêutica crítica feminista da libertação de Elisabeth Schüssler Fiorenza, procederemos à análise das três perícopes nas quais a personagem escolhida aparece: Lc 10,38-42; Jo 11,1-44; Jo 12,1-8. Nossa atenção se centrará unicamente em Marta e, por isso, outras personagens somente serão

² O termo “figura” é utilizado para expressar o que se constrói ou se vislumbra a partir dos elementos extraídos das perícopes analisadas.



consideradas em sua relação direta com ela. Além disso, não nos deteremos nas especificidades dos Evangelhos de Lucas e João, dos quais as perícopes são tomadas, atendo-nos à Marta como ícone a partir do qual pensar a ministerialidade das mulheres na Igreja Católica.

Finalmente, situamos nossa motivação para a reflexão que aqui propomos. Como católica e vocacionada a um ministério que precisa ser redefinido e ampliado, compartilhamos o sonho expresso por Fiorenza e nos empenhando na luta para sua concretização:

Assim procedemos porque temos um sonho: um dia, num futuro não muito distante, a Igreja patriarcal será libertada de sua servidão a César e às suas estruturas imperiais. Temos ainda o sonho de ver um dia a pirâmide clerical e patriarcal transformada na “mesa redonda” do discipulado de iguais; é o sonho de ver um dia a Igreja romana-imperial e eurocentrista, dominada pelos homens, transformar-se em *ekklesia*, o centro decisório de todos os cidadãos batizados do mundo inteiro. Aquelas dentre nós, portanto, que foram chamadas ao ministério católico, devem redefinir esse ministério em termos desta visão da Igreja como discipulado de iguais. Devemos, ao mesmo tempo, rejeitar a noção de ministério como lealdade e serviço às estruturas patriarcais e reconhecer o ministério como um desafio a tais estruturas.³

O PRINCÍPIO PETRINO-MARINO: UM MODELO PATRIARCAL DE MINISTERIALIDADE⁴

Em quase todas as entrevistas concedidas pelo Papa ao longo de seu pontificado, a pergunta sobre o papel e o lugar das mulheres na Igreja Católica faz-se presente. Em geral, as respostas dadas por ele iam em duas direções: em relação à possibilidade do ministério ordenado para as mulheres, Francisco remetia à formulação de João Paulo II⁵, tomando-a por definitiva e dando a questão por

³ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Discipulado de iguais**: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 322.

⁴ Os argumentos elucidados neste item foram anteriormente apresentados no Painel “Resistências à liderança do Papa Francisco e limites de seu pontificado” do VIII Colóquio de Teologia e Pastoral, realizado em Belo Horizonte, em maio deste ano, cujos anais serão publicados proximamente.

⁵ JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Ordinatio Sacerdotalis***: sobre a ordenação sacerdotal reservada somente aos homens. Roma, 1994. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john->



encerrada; ao mesmo tempo, o Papa enfatizava a importância de ampliar a participação das mulheres nas instâncias de decisão eclesiais.

Desde novembro do ano passado, porém, seu posicionamento ganhou novos contornos. Para responder sobre o lugar das mulheres na Igreja Católica, Francisco começou a invocar o princípio do ministério petrino e do ministério mariano na Igreja. Na esteira dessa abordagem, em entrevista concedida em março deste ano, por ocasião da celebração dos 10 anos de seu pontificado, assim como o fez em outros pronunciamentos, o Papa Francisco afirmou: “o princípio petrino é o disciplinar, o do governo, mais hierárquico – diácono, sacerdote, bispo, etc. – e o princípio maternal, o da contenção da Igreja, da comunidade, que se chama princípio mariano”⁶.

Na mesma entrevista, Francisco dá seguimento à sua argumentação: “a Igreja é mulher, está sob o princípio mariano, que é muito mais importante; uma mulher na Igreja é muito mais importante que um padre porque o princípio mariano abrange tudo e toca a feminilidade da Igreja. Hierarquicamente, um padre é mais importante que a mulher, mas porque há uma hierarquização do ministério”. O Pontífice, então, conclui:

Os homens têm a linha ministerial. As mulheres, a maternal. Teologicamente, se você me perguntar, quem é mais importante, Maria ou São Pedro, os apóstolos? Com certeza Maria. Certamente! É mais importante porque é figura da Igreja nessa linha não ministerial, mas eclesial.⁷

paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19940522_ordinatio-sacerdotialis.html#_ftn1. Acesso em: 28 set. 2023. Nesta Carta Apostólica, o Papa João Paulo II remete às suas próprias afirmações na Carta Apostólica *Mulieres Dignitatem* (1988), bem como a pronunciamentos de Paulo VI (1975-1977) e à Declaração *Inter Inigniores* (sobre a questão da admissão das mulheres ao sacerdócio ministerial) da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, publicada em 1976, sob pontificado de Paulo VI. Tais documentos concentram os argumentos oficialmente defendidos na Igreja Católica para justificar a não-ordenação das mulheres.

⁶ DIEZ años de pontificado: el Papa Francisco mano a mano con Jorge Fontevicchia. 2023. Vídeo Youtube (2h24min25s). Publicado pelo canal **Perfil**: Periodismo puro em tempo real. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=19wllrs4jx4>. Acesso em: 21 jul. 2023. A temática que nos interessa é tratada no trecho entre 35min02s e 41min04s, sendo que a citação acima se inicia em 36min19s, tradução nossa.

⁷ DIEZ años del pontificado: el Papa Francisco mano a mano con Jorge Fontevicchia, 2023. Os trechos citados encontram-se entre 36min39s e 37min24s, tradução nossa.



A teologia que Francisco preconiza com essas declarações foi proposta, segundo a teóloga colombiana Isabel Corpas de Posada⁸, por Hans Urs von Balthasar no âmbito do ecumenismo. Posteriormente, apareceu também (de modo não explícito, mas como pano de fundo de algumas afirmações), em 1974, na exortação apostólica *Marialis cultus*, de Paulo VI. Nessa exortação, o papel de Maria na Igreja é comparado ao exercido pelas mulheres nas famílias: Deus “colocou na sua família – a Igreja – como em todo e qualquer lar doméstico, a figura de uma mulher, que, escondidamente e em espírito de serviço, vela pelo seu bem e ‘benignamente’ protege, na sua caminhada em direção à Pátria, até que chegue o dia glorioso do Senhor”⁹. Paulo VI retomou a afirmação de von Balthasar segundo a qual “o elemento mariano governa escondidamente na Igreja, como a mulher no lar doméstico”¹⁰. Atentemos, portanto, para o fato de que o princípio mariano prevê uma caracterização materna e doméstica do papel das mulheres.

A visão antropológica que rege esse princípio dos ministérios petrino e mariano é a chamada antropologia da complementaridade, que

eleva a diferença sexual a um princípio ontológico que divide a raça humana em dois tipos de pessoas radicalmente diferentes: homens que têm natureza masculina e mulheres que têm natureza feminina. Cada tipo vem equipado com um conjunto essencialmente distinto de características.¹¹

Compreendemos que o princípio dos ministérios petrino e mariano, assim como a antropologia da complementaridade que o sustenta e respalda, é um modo de perpetuação do patriarcado na Igreja Católica. Como afirmaram várias teólogas nos

⁸ CORPAS DE POSADA, Isabel. Con todo respeto, Papa Francisco, pero... *In*: Vida Nueva Digital. **Mirada de Mujer**, Colômbia, 19 abr. 2023. Disponível em: <https://www.vidanuevadigital.com/blog/con-todo-respeto-papa-francisco-pero-isabel-corpas/>. Acesso em: 12 maio 2023.

⁹ PAULO VI. **Exortação Apostólica *Marialis cultus***. Roma, 1974. Introdução. [n.p.]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html. Acesso em: 28 set. 2023.

¹⁰ VON BALTHASAR, Hans Urs *apud* CORPAS DE POSADA, 2023, [n.p.], tradução nossa.

¹¹ JOHNSON, Elizabeth. **Nossa verdadeira irmã**: teologia de Maria na comunhão dos santos. São Paulo: Loyola, 2006. p. 74.



últimos meses¹², esse duplo princípio ministerial expressa uma ideologia e uma retórica da diferença sexual e da diferença de gênero que já foi desmascarada como um dos disfarces e das camuflagens atualmente adotadas para manter privilégios patriarcais. Retórica e ideologia essas presente em grandes empresas, na política e em vários estratos da sociedade e, infelizmente, presente também na Igreja Católica, do Papa Francisco a rodas de conversa de pessoas com mentalidade aberta e, inclusive, com uma teologia muito progressista. O patriarcado, como todo sistema opressor, se reinventa para continuar existindo. Assim é na sociedade em geral. Assim é também na Igreja Católica, que poderia ser caracterizado certamente como o maior patriarcado do Ocidente na atualidade.

Ressaltando os perigos dessa perspectiva teológica a respeito do ministério eclesial, a biblista italiana Marinella Perroni acrescenta que é

completamente claro que formas de exaltação mística do feminino são diretamente proporcionais à recusa de reconhecimento público da autoridade das mulheres. [...] O princípio mariano-petrino que garante a preservação de estereótipos doutrinários, arranjos institucionais, práticas devocionais, revela [assim] toda a sua fragilidade.¹³

Assim sendo, com base nessa fundamentação estereotipada dos lugares e dos papéis de mulheres e homens na Igreja Católica, o Papa Francisco se alinhou a uma interpretação da ministerialidade e, a partir dela, afirmou categoricamente, nos últimos meses, que o acesso das mulheres ao ministério ordenado está fora de discussão. E o fez já não referindo-se às afirmações de seus predecessores Paulo VI e João Paulo II, mas com essa “nova” roupagem simbólica e teológica que tende a ter grande influência em muitos segmentos eclesiais. Há, certamente, outros caminhos para pensar a ministerialidade na Igreja Católica e, mais especificamente, a

¹² Além do artigo de Corpas Posada mencionado acima, veja-se também: PERRONI, Marinella. O duplo princípio. Aquele mariano e petrino: vamos falar sobre isso, fala a teóloga biblista. Trad. Luísa Rabolini. **IHU-On-Line**, 06 dez. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/624578>. Acesso em: 12 maio 2023.; McELWEE, Kate. A evolução do Papa sobre as mulheres: algum movimento, mas é necessário mais. **IHU On-Line**, São Leopoldo, 08 mar. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/626748>. Acesso em: 12 maio 2023.

¹³ PERRONI, 2022.



ministerialidade das mulheres. Com essa convicção, propomos a figura de Marta de Betânia como paradigma ministerial.

MARTA DE BETÂNIA, *DIAKONOS*¹⁴ DA CASA-COMUNIDADE

A fim de elencar características de nossa personagem paradigmática que favoreçam sua identificação como diaconisa (ministra) da comunidade cristã, acercamo-nos às três perícopes do NT nas quais Marta está presente. Nossa análise dos textos bíblicos selecionados será feita a partir do método de hermenêutica crítica feminista da libertação de Elisabeth Schüssler Fiorenza, considerando especialmente as dimensões da suspeita e da imaginação criativa¹⁵.

A cena narrada em Lc 10,38-42 encontra-se no contexto mais amplo da subida de Jesus para Jerusalém. Nesse percurso, “estando [Jesus] em viagem, entrou num povoado, e certa mulher, chamada Marta, recebeu-o em sua casa” (Lc 10,38). Desse primeiro versículo destacamos a afirmação de que Marta é a dona da casa – na qual parece também viver sua irmã Maria – e, em *sua* casa, recebe Jesus. Tendo em vista que ele ia para Jerusalém, acompanhado por suas discípulas e seus discípulos, a quem ia instruindo pelo caminho, podemos supor que Marta recebe o Mestre com seu grupo de seguidores/as.

-
- ¹⁴ Optamos pelo uso do termo em grego (δίακονος; transliterado: *diakonos*) para remeter à expressão neotestamentária e nos distanciar da compreensão da diaconia (διακονία) exclusivamente como um dos degraus hierárquicos que fazem parte da estrutura de algumas igrejas cristãs. No entanto, entendemos a *diakonia* como um ministério. Para o conceito de ministério, adotamos a seguinte definição: “A palavra ministério, em sentido lato, refere-se ao serviço que todo o Povo de Deus é chamado a cumprir, quer por intermédio de pessoas, quer pela comunidade local, quer como Igreja universal; ministério ou ministérios podem também referir-se a formas institucionais particulares assumidas por esse serviço”. COMISSÃO Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas. **Convergência da Fé**: Batismo, Eucaristia, Ministério. Lima, 1982. Disponível em: www.ecclesia.org.br/biblioteca/dialogo_ecumenico/lima_1982_texto_ministerio.html. Acesso em: 23 set. 2023. Capítulo IV, n. 7. No que se refere especificamente ao ministério da diaconia, vivido tanto por mulheres quanto por homens, compreendemos que “abrange tarefas no culto, anúncio do Evangelho, auxílio ao próximo, direção da comunidade”. SCHARFFENORTH, Gerta. Diaconisa. GÖSSMANN, Elisabeth *et al.* **Dicionário de Teologia Feminista**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 118.
- ¹⁵ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Caminhos da sabedoria**: uma introdução à interpretação bíblica feminista. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009. p. 197-205.



A seguir, voltamos nossa atenção para a descrição do que Marta fazia e como o fazia: “Marta estava ocupada pelo muito serviço” (Lc 10,40). Nesse versículo, “a palavra traduzida como ‘serviço’ é *diakonia* [...]”. Apesar de que esta palavra possa significar ‘servir a mesa’ em muitos contextos, ao longo do NT, ela tem uma dupla referência: o serviço da mesa e o ministério cristão (Mc 10, 41-45; At 6 – 7; 2Co 3, 4-11; 4, 1)”¹⁶. Como explicita Anne Jensen, a ação ministerial de mulheres como diaconisas (ou diaconas) é atestada em escritos dos inícios do cristianismo¹⁷. No entanto, progressivamente, “a ‘diaconia’ das mulheres se transformou em ‘serviço’, [enquanto] a ‘diaconia’ dos homens em ‘ofício!’”¹⁸

Apesar disso, como o fizeram outras teólogas anteriormente¹⁹, afirmamos que o “muito serviço” com o qual Marta se ocupa é a diaconia, sendo essa entendida como ministério. Tal compreensão se vê frequentemente dificultada em virtude da perspectiva androcêntrica que rege a maioria das traduções bíblicas²⁰. No que se refere especificamente ao termo *diakonia*, a opção costuma ser traduzir como ministério quando, nas cartas de Paulo, se refere à ação do apóstolo. Já, em Lc 10,40, a tradução será quase sempre “serviço”, quando não “tarefas”, ou, pior ainda, “tarefas domésticas”, invisibilizando, assim, o ministério de Marta²¹.

[...] o texto nem sequer menciona cozinha, comida, mesa, ou que Marta estivesse andando para lá e para cá dentro da casa... Os termos usados para descrever a cena na casa são apenas hospedar, assentar-se aos pés e ouvir (10,38-39). Os demais termos são usados para descrever o que se passa na

¹⁶ D'ANGELO, Mary Rose. Martha. In: MEYERS, Carol (ed.). **Women in Scripture: a dictionary of named and unnamed women in the Hebrew Bible, the Apocryphal/Deuterocanonical Books, and the New Testament**. Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000. p. 113-114, tradução nossa.

¹⁷ JENSEN, Anne. Diácona. In: GÖSSMANN, Elisabeth *et al.* **Dicionário de Teologia Feminista**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 114-116.

¹⁸ JENSEN, 1997, p. 116.

¹⁹ Conferir, por exemplo, D'ANGELO, 2000, p. 115 e REIMER, Ivoni Richter. Releituras bíblicas para uma diaconia que serve, empodera, liberta e cria comunhão. In: BLASI, Marcia *et al.* (org.). **Mulheres fazem teologia: rede de mulheres e justiça de gênero da América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018. p. 65-68.

²⁰ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 67-79.

²¹ REIMER, 2018, p. 67.



mente ou no coração de Marta [...]: 'ficar agitada', 'ser jogada para lá e para cá', 'estar dispersa', 'ficar perturbada/ansiosa'. Ela ouvia, mas estava mentalmente ocupada com outra coisa, ou seja, com *pollén diaconian* 'muita diaconia'!²²

Finalmente, o terceiro elemento a ser ressaltado na cena é a postura de Marta diante de Jesus: ela questiona o Mestre de forma direta e clara. Há, portanto, entre eles uma relação de confiança e de reciprocidade. Marta assume o direito de dirigir a palavra diretamente a Jesus, um homem que não é de seu núcleo familiar, estando em presença de outras pessoas²³. Ela se reconhece como possuidora desse direito. Não pede licença, não se desculpa por estar falando, não dá rodeios. Ao contrário, coloca para Jesus sua questão de modo a exigir dele um posicionamento: “Senhor, a ti não te importa que minha irmã me deixe assim sozinha a fazer o serviço?”. Dando espaço à imaginação criativa, poderíamos ouvir ainda, por detrás das palavras de Marta, outros desdobramentos de sua interpelação: “Senhor, não seria melhor que minha irmã também estivesse dedicada comigo a esta diaconia que tanto me ocupa e me preocupa? Não poderíamos estar as duas a serviço desta *ekklēsia*²⁴ que se reúne em minha casa?”²⁵ A resposta de Jesus é tão direta quanto a pergunta de Marta, mas não se trata de uma repreensão:

Ele se dirige a ela com carinho e atenção, o que é indicado com a repetição do nome de Marta [...]. As palavras de Jesus não são uma crítica, mas diagnosticam o exagero e o mal que ‘as muitas coisas’ estão causando não só na vida de Marta, mas também na sua relação com Maria e talvez também da comunidade. Assim, a palavra de Jesus vem como um ‘bálsamo’ para Marta.²⁶

Poderíamos, seguindo com a hermenêutica da imaginação criativa, parafrasear também as palavras alentadoras do Mestre: “Marta, Marta, vejo teus

²² REIMER, 2018, p. 66.

²³ REIMER, 2018, p. 65.

²⁴ Com a opção pelo termo grego, visamos remeter à compreensão neotestamentária da comunidade de seguidoras/es de Jesus, evitando a conotação institucional que a palavra “igreja” pode evocar.

²⁵ A respeito da “igreja que se reúne na casa dela”, conferir FIORENZA, 1992, p. 193-200.

²⁶ REIMER, 2018, p. 69.



muitos serviços à frente desta casa-comunidade. Vejo que te inquietam e te preocupam. Não te preocupes tanto! Confia que meu Pai e vosso Pai, que cuida dos pardais e veste os lírios do campo (Lc 12,22-32), dará o que precisas para atender com a porção de alimento adequada a tantas e tantos que confiamos a teu cuidado de boa administradora (Lc 12,41-44). Agora é hora de que sejas também minha discípula e permaneças sentada²⁷ e atenta para me escutar”.

Deixando a subida a Jerusalém na narrativa de Lucas, vamos ao Evangelho de João, primeiramente à cena conhecida como ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-44), que, segundo a tradição joanina²⁸, é irmão de Marta e de Maria. Os três são nomeados no v. 5 como pessoas a quem Jesus amava, sendo Marta referida em primeiro lugar: “Ora, Jesus amava Marta e sua irmã e Lázaro”. Considerando nosso interesse neste estudo, centramo-nos especialmente nos vv. 17-27, nos quais lemos uma interessante conversa entre Marta e Jesus. Ainda que de modo breve, podemos compreender esse diálogo como um percurso que parte da compreensão judaica da ressurreição e chega à perspectiva cristã da mesma, constituindo-se como uma teologia incipiente a respeito da fé cristã na ressurreição²⁹.

O diálogo se inicia quando Marta sai ao encontro de Jesus e lhe diz: “Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido”. Jesus lhe responde que Lázaro ressuscitará. A seguir, Marta expressa a fé judaica na ressurreição: “Sei que [Lázaro] ressuscitará na ressurreição no último dia” (v. 24). Jesus lhe anuncia ser Ele a ressurreição e acrescenta que quem crer nele, “ainda que morra, viverá”, interpelando Marta: “Crês nisso?” (v. 26). Ela lhe responde: “Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que vem ao mundo” (v. 27).

²⁷ Seguimos a interpretação de Ivone Reimer, que traduz o segundo *kai* de Lc 10,39 como “também” e não como “e”. A partir disso, entende-se que tanto Marta quanto Maria estavam sentadas aos pés de Jesus como suas discípulas, sendo que a primeira se encontrava dispersa – e possivelmente pouco atenta – aos ensinamentos do Mestre, devido às preocupações pelo “muito serviço” que lhe sobrecarregava. REIMER, 2018, p. 65-67. Conferir também D’ANGELO, 2000, p. 14.

²⁸ Também da tradição joanina é a informação de que moravam em Betânia.

²⁹ KONINGS, Johan. **Evangelho Segundo João: amor e fidelidade**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 223-224.



O que Marta confessa é o sentido da vinda de Cristo: dar a Vida desde já; simultaneamente confessa também a identidade de Jesus: ‘*Eu sou a Vida*’. Não se trata do reino terreno, mas de muito mais, do Reino de Deus que se aproximou, que se fez acessível a todos, porque se trata da Vida do Messias em nós, como precisará Jesus em seu discurso de despedida (Jo 17). [...] Não foi a nenhum dos Doze – que, no entanto, estavam presentes – a quem Jesus fez esta revelação e este pedido de testemunho, mas a uma mulher.³⁰

A profissão de fé de Marta assemelha-se a de Pedro, privilegiada pela tradição sinótica³¹, e sobre a qual, segundo Mateus, se edifica a Igreja (Mt 16,16-18). Daí, podemos afirmar que a Igreja se edifica também sobre a fé de Marta. Como explicita Fioreza, “Marta representa a fé apostólica plena da comunidade joanina, da mesma forma que Pedro representou-a para a comunidade matéica”³².

A cena prossegue com a participação de Maria e culmina com Jesus trazendo Lázaro de volta à vida. A seguir, o evangelista mostra como o “cerco” para pegar Jesus está se fechando (Jo 11,45-57) e, nesse contexto, ele volta à casa de Betânia (Jo 12,1-8). Nessa perícope, a menção a Marta é breve, porém significativa.

Situamo-nos “seis dias antes da Páscoa” (Jo 12,1). Recordamos que, no evangelho de João, a Páscoa aconteceu no sábado (Jo 19,31), que inclui a noite de sexta-feira, já que, “no calendário judaico, o dia começa com o pôr do sol”³³. Assim sendo, “seis dias antes da Páscoa” significa que era domingo³⁴, dia de reunião e celebração da comunidade cristã. Nesse dia, “ofereceram-lhe aí um jantar”, no qual “Marta servia” (Jo 12,2). Vemos que, assim como na perícope lucana, Marta é recordada como *diakonos* na tradição joanina³⁵. À mesa na qual muitas e muitos que creem em Jesus (Jo 12,11) se reúnem ao redor dele, em um domingo, Marta serve, ou

³⁰ TUNC, Suzanne. **También las mujeres seguían a Jesús**. Bilbao: Sal Terrae, 1999. p. 50, tradução nossa, grifo da autora.

³¹ “A confissão de Marta foi esquecida muitas vezes. A de Pedro é mais recordada (Mt 16,16), [...] apesar de que a de Marta é muito mais eloquente. Acredito que se recorda a de Pedro somente por ser homem: preconceito da cultura que devemos combater”. TAMEZ, Elsa. **Las mujeres en el movimiento de Jesús**. Quito: Tecnoprint, 2003. p. 43, tradução nossa.

³² FIORENZA, 1992, p. 377.

³³ KONINGS, 2005, p. 250.

³⁴ BROWN, Raymond E. **The Gospel according to John I-XII**. New York: Doubleday & Company, 1996. p. 447.

³⁵ D'ANGELO, 2000, p. 115.



– se a tradução fosse similar ao padrão privilegiado em referência a Paulo – ela era a ministra, na celebração da comunidade cristã, reunida para a ceia com o (do) Senhor.

A MINISTERIALIDADE DAS MULHERES NA IGREJA CATÓLICA À LUZ DA FIGURA DE MARTA

A análise das perícopes feita acima e as características destacadas na figura de Marta de Betânia nos inspiram para propor algumas pistas sobre as quais se poderia elaborar uma teologia ministerial mais ampla e inclusiva na Igreja Católica. Diferentemente do único lugar preconizado pelo Papa Francisco, que é o lugar materno do cuidado, à imagem de Maria de Nazaré, o que propomos é a compreensão da ministerialidade das mulheres a partir de uma multiplicidade de lugares, fundamentados em uma diversidade de figuras bíblicas, entre as quais Marta – assim como Maria – seria uma delas, ao lado de outras e, principalmente, junto a Jesus, de cuja vida e missão brotam todos os ministérios eclesiais.

A modo de exemplo dessas múltiplas possibilidades e tendo presente a figura de Marta, elencamos a seguir três ministérios que, segundo nossa perspectiva, deveriam ser também espaço de atuação aberta e irrestrita para as mulheres na Igreja Católica, preferentemente sendo instituídos oficialmente³⁶. Tais ministérios podem ou não ser vividos pela mesma pessoa.

Primeiramente, destacamos o ministério da coordenação de comunidades. Quando Marta recebeu Jesus e suas/seus discípulas/os em sua casa (Lc 10,38), formou-se aí uma pequena *ekklesia*. Em muitas circunstâncias, mulheres são as

³⁶ Compreendemos que a instituição de ministérios não é a única via de vivência ministerial nas comunidades cristãs. No entanto, tendo em vista que, na Igreja Católica, os ministérios são efetivamente reconhecidos quando ganham estatuto institucional, acreditamos que seria um grande avanço a instituição oficial de novos ministérios (abertos obviamente às mulheres), contemplando outras possibilidades além da presidência litúrgica e das ações sacramentais. Cremos que a instituição de novos ministérios (com seu reconhecimento e seus ritos próprios, com sua trajetória formativa e devida preparação, com sua dimensão vocacional específica) daria novos ares – ainda que insuficientes para a verdadeira realização do “discipulado de iguais” – à ministerialidade na Igreja Católica.



verdadeiras líderes das comunidades eclesiais, exercendo, como Marta, uma *diakonia* complicada, que lhes causa preocupações e na qual empenham suas vidas. Reconhecer-lhes e outorgar-lhes o ministério que já realizam é mais do que justo! Desse modo, estaremos atualizando a vivência das primeiras comunidades cristãs e multiplicando experiências de “igreja(s) que se reúne(m) na casa dela”, como acontecia com os irmãos e irmãs em Laodiceia, congregados na casa de Ninfas (Col 4,15).

Um segundo “lugar” ministerial se inspira no diálogo entre Marta e Jesus (Jo 11,17-27). Apontamos que, nessa cena, ela vai elaborando uma formulação de fé significativa para a comunidade cristã. De modo similar, muitas mulheres elaboram e transmitem novas formulações de fé e sobre essas profissões e elaborações de fé também se edifica a Igreja. Nesse horizonte, situamos o ministério de catequista, já instituído pelo Papa Francisco em 2021, acessível a mulheres e a homens³⁷. Além disso, acreditamos que seria oportuna a instituição de novos ministérios como, por exemplo, o ministério teológico³⁸. Finalmente, consideramos que a função magisterial, responsável por importantes formulações de fé eclesiais, deve ser espaço de atuação de mulheres.

Retomando a inspiração que nos vem da ação de Marta em Jo 12,2 e em contraposição ao princípio ministerial petrino-mariana, compreendemos que o ministério ordenado não pode ser prerrogativa exclusiva dos homens. Distanciando-nos, portanto, da definição rígida de papéis de gênero, que se torna um dos (frágeis) fundamentos para a não ordenação de mulheres na Igreja Católica, unimo-nos ao clamor de tantas outras para que possamos presidir as celebrações litúrgicas. Afinal,

³⁷ FRANCISCO. *Carta Apostólica sob forma de Motu proprio Antiquum Ministerium*. Roma, 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210510_antiquum-ministerium.html. Acesso em: 21 jul. 2023.

³⁸ Abordamos essa proposta em TEIXEIRA, Priscila Cirino. A teologia como doxologia e ministério na obra de LaCugna. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FILOSÓFICO-TEOLÓGICO – FAJE, 17., 2022, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: FAJE, 2023. Disponível em https://www.faje.edu.br/simpósio2022/comunicacoes_nao_doutores.php. Acesso em: 12 ago. 2023.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



servir à mesa (At 6,2; cf. At 16,34, também Lc 10,40;12,37; 17,8) não significa a administração de fundos, mas serviço à mesa numa refeição. Segundo 1Co 10,21, a 'mesa do Senhor' é a mesa eucarística. Ministério à mesa era, pois, muito provavelmente o ministério eucarístico.³⁹

Não se trata, por conseguinte, de que sejamos simbólica ou misticamente (em um sentido um tanto quanto distorcido de "mística") mais importantes do que os homens, como descreve o papa Francisco. Nem se trata de nos conformarmos com uma possível variedade de ministérios que possam legitimamente ser atribuídos a mulheres (como anteriormente defendemos), uma vez que não podemos esquecer o alerta de Elizabeth Fiorenza:

A teologia 'progressista' do ministério, como serviço, sustentou não apenas uma variedade de ministérios, mas igualmente a participação das mulheres no ministério da Igreja. Todavia, ao mesmo tempo, esta eclesiologia de serviço motivou as mulheres e outros subordinados a se conformarem com seu status ministerial de segunda classe e impediu a nós mulheres de insistir em nossos direitos.⁴⁰

O que se reivindica – com argumentos teológicos e fundamentação bíblica, da qual apenas esboçamos aqui alguns elementos – é o autêntico reconhecimento de nossa dignidade batismal e de nosso ser plenamente humanas e, portanto, de nossa capacidade de representar sacramentalmente a Cristo e de pastorear adequadamente o povo de Deus. Ao mesmo tempo, consideramos ser de suma importância realizar uma profunda discussão sobre o ministério ordenado, em perspectiva teológica e pastoral, incluindo a revisão do significado desse ministério e de seus critérios vocacionais, de modo a promover a reestruturação das dinâmicas de liderança eclesial para que sejam, de fato, pautadas pelo seguimento de Jesus e por sua ação diaconal-ministerial (Mc 10,45).

³⁹ FIORENZA, 1992, p. 197, grifo da autora.

⁴⁰ FIORENZA, 1995, p. 325.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com nossa reflexão apresentada nesta comunicação, pretendemos motivar e provocar o debate sobre a ministerialidade das mulheres da Igreja em perspectiva mais ampla. Por um lado, reconhecemos que não há um só lugar para as mulheres nas comunidades cristãs e, mais especificamente, na Igreja Católica, como o Papa Francisco – e tantos outros/as – insistem em afirmar. Igualmente, não há uma só figura inspiradora de nossos ministérios.

Por outro lado, continua sendo fundamental repensar a teologia ministerial de modo geral, incluindo, em um contexto de análise, discussão e vivência mais abrangente, a questão sobre quem pode ser ordenado/a na Igreja Católica. Sem uma revisão da prática ministerial – atualmente bastante associada ao poder patriarcal e à sua manutenção –, a ordenação de mulheres (e também de homens casados) pouco colaboraria para vermos “a pirâmide clerical e patriarcal transformada na ‘mesa redonda’ do discipulado de iguais”⁴¹.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. ampl. 12ª reimp. São Paulo: Paulus, 2017.

BROWN, Raymond E. **The Gospel according to John I-XII**. New York: Doubleday & Company, 1996.

COMISSÃO Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas. **Convergência da Fé: Batismo, Eucaristia, Ministério**. Lima, 1982. Disponível em: www.ecclesia.org.br/biblioteca/dialogo_ecumenico/lima_1982_texto_ministerio.html. Acesso em: 23 set. 2023.

CORPAS DE POSADA, Isabel. Con todo respeto, Papa Francisco, pero... *In: Vida Nueva Digital. Mirada de Mujer*, Colômbia, 19 abr. 2023. Disponível em: <https://www.vidanuevadigital.com/blog/con-todo-respeto-papa-francisco-pero-isabel-corpas/>. Acesso em: 12 maio 2023.

⁴¹ FIORENZA, 1995. p. 322.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



D'ANGELO, Mary Rose. Martha. *In*: MEYERS, Carol (ed.). **Women in Scripture: a dictionary of named and unnamed women in the Hebrew Bible, the Apocryphal/Deuterocanonical Books, and the New Testament.** Cambridge: Willian B. Eerdmans Publishing Company, 2000. p. 113-114.

DIEZ años de pontificado: el Papa Francisco mano a mano con Jorge Fontevicchia. 2023. Vídeo Youtube (2h24min25s). Publicado pelo canal **Perfil: Periodismo puro em tempo real.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=19wllrs4jx4>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica.** São Paulo: Paulinas, 1992.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista.** São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação.** Petrópolis: Vozes, 1995.

FRANCISCO. **Carta Apostólica sob forma de *Motu proprio Antiquum Ministerium.*** Roma, 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210510_antiquum-ministerium.html. Acesso em: 21 jul. 2023.

JENSEN, Anne. Diácona. *In*: GÖSSMANN, Elisabeth *et al.* **Dicionário de Teologia Feminista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Ordinatio Sacerdotalis:*** sobre a ordenação sacerdotal reservada somente aos homens. Roma, 1994. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19940522_ordinatio-sacerdotalis.html#_ftn1. Acesso em: 28 set. 2023.

JOHNSON, Elizabeth. **Nossa verdadeira irmã: teologia de Maria na comunhão dos santos.** São Paulo: Loyola, 2006.

KONINGS, Johan. **Evangelho Segundo João: amor e fidelidade.** São Paulo: Loyola, 2005.

McELWEE, Kate. A evolução do Papa sobre as mulheres: algum movimento, mas é necessário mais. **IHU On-Line,** São Leopoldo, 08 mar. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/626748>. Acesso em: 12 maio 2023.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



PAULO VI. **Exortação Apostólica *Marialis cultus***. Roma, 1974. Introdução.
Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html.
Acesso em: 28 set. 2023.

PERRONI, Marinella. O duplo princípio. Aquele mariano e petrino: vamos falar sobre isso, fala a teóloga biblista. Trad. Luisa Rabolini. **IHU-On-Line**, 06 dez. 2022.
Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/624578>. Acesso em: 12 maio 2023.

REIMER, Ivoni Richter. Releituras bíblicas para uma diaconia que serve, empodera, liberta e cria comunhão. *In*: BLASI, Marcia *et al.* (org.). **Mulheres fazem teologia: rede de mulheres e justiça de gênero da América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018. p. 65-68.

SCHARFFENORTH, Gerta. Diaconisa. GÖSSMANN, Elisabeth *et al.* **Dicionário de Teologia Feminista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

TAMEZ, Elsa. **Las mujeres en el movimiento de Jesús**. Quito: Tecnoprint, 2003.

TEIXEIRA, Priscila Cirino. A teologia como doxologia e ministério na obra de LaCugna. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FILOSÓFICO-TEOLÓGICO – FAJE, 17., 2022, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: FAJE, 2023. Disponível em https://www.faje.edu.br/simposio2022/comunicacoes_ao_doutores.php. Acesso em: 12 ago. 2023.

TUNC, Suzanne. **También las mujeres seguían a Jesús**. Bilbao: Sal Terrae, 1999.